

**Resenha crítica do livro:
O Espírito Santo: Esboço de
Teologia Cristã
Autor: Ferguson, Sinclair**

Por: Éder Pereira Machado.
Curso: Mestrado em Divindade (M. Div.)
Faculdade: FITRef

FERGUSON, Sinclair B. O Espírito Santo. 1ª Edição Digital em Português, Editora: Os Puritanos, 2014. Título original em inglês: The Holy Spirit, © Sinclair B. Ferguson, 1996.

O livro “O Espírito Santo” é fruto do trabalho de Sinclair B. Ferguson, professor de Teologia Sistemática no Seminário Teológico Reformado Westminster. Este volume faz parte da série *Contours of Chistian Teology* entre o estudo de “A obra de Cristo e a igreja”. Uma acurada exposição sobre a pessoa e da obra do Espírito Santo, numa perspectiva bíblico-teológica e histórico-redentiva.

O livro é concebido em onze capítulos. No prefácio o autor aborda que em tempos remotos a pessoa do Espírito Santo era desconhecida por muitos. Por muito tempo fora retratado como a pessoa negligenciada da Deidade, mas com o advento do Pentecostalismo uma proporção descomunal de publicações foi produzida. Mas, embora exista tão grande número de publicações, o assunto ainda permanece controverso, e é em alguns destes pontos controversos que o autor se propõe a tratar. A estrutura do livro é delineada numa visão teológico ortodoxa, mas não desabona seu forco de propiciar aos leitores uma comunhão pessoal e íntima com o Espírito Santo. Ele que nos conduz a adorar, glorificar e obedecer ao Pai e ao Filho.

No primeiro capítulo o autor fala sobre *O Espírito Santo & Sua História*. A princípio trata da expressão “ruach de Yahweh”, o sopro de Deus, o poder soberano pelo qual Ele consolida seus propósitos. Uma força irresistível, indomável pela qual subjuga todas as coisas de acordo com os seus propósitos, daí Ferguson faz um paralelo com o papel do Espírito Santo em toda a Escritura; de uma doce presença que ordena e embeleza a criação divina. “*No Jardim do Éden, no tabernáculo e no templo, o adorador descobre a beleza da santidade, a qual é apenas um reflexo da beleza do próprio Deus*”. Mas, que por fim encontrara sua perfeita expressão na pessoa do Filho. Por causa “de” e “em” Cristo chegamos a conhecer mais plenamente o Espírito. O Espírito de Deus é visto como Aquele que ativamente orienta, guia, capacita, sustenta, alegra com a salvação, vindica, aplica dentre outras graças. Por fim, fala do tão aguardado “grande Dia” tendo sido descrito no Antigo Testamento veio a ser o Dia do Espírito, o Dia em que o Messias veio e encheu com o Espírito o seu povo.

No segundo capítulo o autor fala sobre *O Espírito de Cristo*. Neste capítulo o autor faz suas ponderações quanto ao envio do paraklêtos da parte do Pai e este torna-se a principal testemunha de Cristo. Aquele que viria em auxílio ou defesa, o bom “consolador”, o qual vem para fortalecer. Segundo o autor o tom forense deste termo nos escritos Joaninos, denota o Espírito como a testemunha e o advogado que testifica de Cristo. “... *toda a atividade de Cristo se manifestava na presença do Espírito Santo...*” Eis por que seu testemunho

é tão importante, poderoso e confiável. Desde o ventre até o túmulo e até o trono". A aurora da nova era messiânica é marcada pela ação do Espírito, o shekinah mencionado do A.T. é apontado agora no N.T. como sendo Jesus Cristo, a glória prometida. O nascimento proveniente não de vontade humana, apontando para a soberana novidade da obra que Deus está concretizando. Cristo é o segundo Adão, o Adão melhor, nosso perfeito representante que veio para vencer, ungido pelo Espírito para desempenhar o tríplice ofício messiânico. Por fim, nossa atenção é lançada sobre aqueles que afrontam, resistem e amaldiçoam esta majestosa realidade, estes caem no horripilante pecado da blasfêmia contra o Espírito.

No terceiro capítulo o autor fala sobre *O Dom do Espírito*. O Pentecostes é tratado como um ponto crucial de transição do antigo para o novo pacto. O autor enfatiza novamente o relacionamento de Jesus com o Espírito nos escritos de Lucas em três estágios: a concepção de Maria pelo poder do Espírito, o batismo de Jesus do qual recebeu sua unção messiânica como novo Adão e por fim sua ressurreição e ascensão, batizando com o Espírito e capacitando seus discípulos com o poder do ato. Ferguson apresenta o arcabouço do sinal das línguas estranhas, em sua concepção sinaliza juízo sobre Israel que até então detinham a dádiva do reino a qual agora é repassada para outro povo. Um endurecimento parcial com vistas a ingressão dos gentios. Ao dar sequência as suas conclusões, o autor menciona que na compreensão do apóstolo Pedro a vinda do Pentecostes não se detinha ao cumprimento da profecia de Joel, mas indo além visando também o Salmo 16.8- 11 e Salmo 110.1 apontando para a exaltação do Senhor e seu juízo iminente contra seus inimigos.

No quarto capítulo o autor confere o título de *Pentecostes Hoje?* Ferguson ressalta mais uma vez que o evento do Pentecostes deve ser interpretado como evento cristológico, desprezar a significação pneumatológica por este ponto de vista eclipsaria o seu real sentido. Daí o autor trata sobre as ocorrências da vinda do Espírito “*o que dizer da vinda do Espírito em Samaria (At 8.9- 25), no lar de Cornélio (At 10.44- 48), e em Éfeso (At 19.1- 7)?*” Certamente não são outros Pentecostes e sim o mesmo evento sendo identificado sobre outros grupos aos quais era necessário ser atestado, também como alvo da graça de Deus em Cristo Jesus. Isto é apurado pelo apóstolo Pedro, pois o mesmo fenômeno de forma análoga ao que vivenciaram era visto ecoando noutros momentos, mas sempre cômico de ser um único evento histórico-redentivo. O Pentecostes não é “repetido”, assim como a morte e ressurreição de Cristo não se repetem. A vinda do Espírito é a evidência da entronização de Cristo. Se fosse postulado sobre a contemporaneidade do Pentecostes como possível de ocorrer ainda hoje, em uma simples análise como o da Navalha de Ockham do qual reconhece: “*o princípio postula que de múltiplas explicações adequadas e possíveis para o mesmo conjunto de fatos, deve-se optar pela mais simples daquelas*”. O que

muitos tem atribuído como um novo “Pentecotes” é o estar cheio do Espírito que se refere predominantemente à exibição do fruto do Espírito numa vida que se acha sob o senhorio do Espírito.

No quinto capítulo o autor fala sobre *O Espírito de Ordem*. O Espírito Santo nunca busca ser exaltado sobre as demais pessoas da trindade, mas cumpre seu papel na função econômica. O papel central do Espírito é revelar a Cristo e nos unir a ele e a todos os que são participantes de seu corpo. O homem que na concepção de Martinho Lutero é por natureza “*curvatus in se*”, de forma alguma pode atribuir a si aquilo que é atestado como obra do Espírito (Gl.3.2). Ferguson ressalta o uso da expressão “em Cristo” por Paulo cerca de 160 vezes, um argumento mais que suficiente para estruturar o ministério do Espírito como da união com Cristo. “*As bênçãos da salvação se tornam nossas através do Espírito, exclusiva, imediata, simultânea e escatologicamente em Cristo*”. A regeneração monergística, lança luz ao novo pacto, de nossa união com o Cristo ressurreto pelo Espírito que nos concede parte em sua justificação, adoção, santificação e glorificação. Nossas vidas não mais são determinadas pelo que Adão fez, mas pelo que Cristo tem feito, estar “em Cristo” significa que tudo o que ele fez por nós, representativamente, se torna realmente nosso.

No sexto capítulo o autor fala sobre *O Espírito Recriador*. Neste capítulo é abordado que estar “em Cristo” aponta para uma “nova criação”, a velha ordem torna-se obsoleta não pela caducidade causada pelo tempo, mas pela redenção em Cristo, o novo Adão. O Espírito soberanamente regenera o homem conferindo-lhe nova vida e purificando seu coração. Dá-se uma profunda e completa ação renovadora sobre o homem, ainda que este não se encontre em perfeito estado de santidade. Um novo nascimento que nas palavras de B. B. Warfield: “[...] *Este novo nascimento se estende à própria consciência do homem através do chamado da Palavra, que é respondido sob os movimentos persuasivos do Espírito; a consciente posse dela pelo homem é então mediada pela Palavra*”. Salvos pela graça, mediante a fé que é dom de Deus. O arrependimento diz Herman Bavinck é uma ação singular em sua essência, diferente na forma, tendo em vista as pessoas nas quais se concretiza e suas circunstâncias.

No sétimo capítulo o autor fala sobre *O Espírito de Santidade*. A regeneração tem como fim unir-nos a Cristo através da fé, o alvo é a transformação do indivíduo na semelhança de Cristo. A santificação aponta para esta semelhança, “conformidade com Cristo”. O homem criado a imagem de Deus e portador de sua imagem, mas caiu deste digno estado por conta do pecado e agora a salvação e sua operação na santificação, visam a restauração do homem à imagem de Deus; a lei sempre apontou para esta restauração. Embora que em Cristo não sejamos mais servos do pecado, existe uma tensão escatológica que marca toda a presente vida no Espírito:

“seu reinado “já” se findou, mas sua presença “ainda não” foi eliminada”, contudo a vitória final é asseverada. Este conflito é expresso pelo autor ao abordar a declaração de Paulo de alguém que havia morrido para o pecado, entretanto não tinha se libertado deste em termos derradeiros. O apóstolo reconhece que estando no Espírito já morreu para a condenação proveniente da lei, mas ainda não se tornou perfeito segundo as exigências dela. E assim é enfatizado a necessidade do cumprimento da promessa do novo pacto (Jr 31.33- 34; Ez.11.19-20).

No oitavo capítulo o autor fala sobre *A Comunhão do Espírito*. O crente é batizado em Cristo tanto em sua ressurreição quanto em sua morte, tanto em novidade de vida como em sua morte para o pecado. Ao ser despojado do velho homem e seus antigos hábitos dar-se lugar a uma nova realidade de vida. Em Cristo o novo pacto concede ao povo de Deus ser ungido com a presença do Espírito. O Espírito é considerado como o penhor, as primícias, o selo sobre os filhos de Deus. Nas palavras do autor: “*A certeza da filiação não é reservada para um cristão altamente santificado; é o direito de primogenitura até mesmo do crente mais frágil e oprimido*”. Jesus prometeu enviar aos seus discípulos outro paráclito, Mestre (Jo.14.6), Intercessor (Rm.8.26); fornecendo as graças para os que necessitam (Zc.12.10).

No nono capítulo o autor fala sobre *O Espírito & o Corpo*. A abordagem de Ferguson contextualiza o chamado de Cristo não apenas a indivíduos e sim a uma ekklesiá, uma assembleia inteira. Salienta outras tantas expressões que lançam foco a este fato: ovelhas de um rebanho, ramos de uma oliveira, amigos do noivo, pedras de um templo, o novo Israel e por fim Corpo de Cristo. O Espírito não chama indivíduos para a clausura e sim para serem ligados de forma viva, dinâmica uns para com os outros como os membros de um corpo e estes unidos e submissos a vontade da Cabeça que neste contexto aponta para a pessoa de Cristo. Todos batizados por Cristo em um só corpo mediante o Espírito. “*Nosso Senhor por seus meios estabelece o desenvolvimento e crescimento de seu povo: particularmente pelas ordenanças do batismo, da Ceia do Senhor e do ministério*”. Estes são selos pactuais que nos apontam para Cristo e sua graça salvífica. O batismo é inaugural e é recebido apenas uma vez como sinal de nossa união com Cristo, mas a Ceia do Senhor é um sinal de comunhão contínua com Cristo e deve ser recebida com frequência. João Calvino considerava fazê-la todos os domingos, mas admitiu celebrar apenas uma vez por mês.

No décimo capítulo o autor fala sobre *Dons para o Ministério*. Cristo fortalece sua igreja em unidade através dos dons concedidos pelo Espírito. O autor traça um paralelo da construção do tabernáculo em (Êx 31.3), com o advento da construção de um novo templo de Deus, seu povo que é capacitado a servir na edificação recíproca e na busca da glória de Deus. Neste sentido a Palavra é a bússola que vem nortear o exercício dos dons do Espírito. Contudo

devemos nos lembrar de pessoas dotadas de poderes espirituais sem, todavia, experimentarem a graça salvífica (Mt.7.22, Hb.6.5,9). Deste ponto em diante Ferguson aborda com grande esmero sobre a contemporaneidade ou não de alguns dons: Apóstolos, profetas, pastores e mestres, dom de cura, sabedoria e conhecimento, falar em línguas. Munido de base bíblica e exegética ele contrapõem o parecer de determinados autores, como por exemplo o de Wayne Grudem e embasa sua linha de raciocínio com a contribuição de outros como Gordon Fee. Acuradamente ele retrata os pareceres de continuísta moderado como D. A. Carson, até cessacionistas como visto em B. Gaffin, Jr. e John Owen. Por fim conclui que o cessar de determinados dons não deve ser tomado no sentido de que Deus não possa mais efetuar segundo lhe apraz uma operação gloriosa e sobrenatural em favor de seu povo.

No décimo primeiro capítulo o autor fala sobre o *Espírito Cósmico*. O Spiritus creator, o Espírito criador; paira sobre homens e mulheres para produzir-lhes, “de cima”, o novo nascimento. O Novo Testamento coloca o Espírito e o mundo num relacionamento antitético (1Co.2.12-14; 1Jo 4.3). O mundo não pode ver nem conhecer o Espírito (Jo.14.17), ele carece de que o Espírito o convença (Jo.16.8-11). *A misericórdia é real, mas não é arbitrária*. Havendo o homem pecado este recusou-se glorificar a Deus, como Deus e rendeu-se aos devaneios da idolatria (Rm.1.21, 22). O Espírito transforma aqueles que foram destituídos da glória de Deus (Rm.3.23) e passam a ser transformados de glória em glória, a contemplar e a refletir a face do Senhor (2Co.3.17,18). Todavia aguardam a consumação dessa glorificação, realizada primeiramente no segundo Adão. O homem oriundo do céu (1Co.15.48), o segundo Adão, o Adão melhor, manifesta a obediência, justiça, justificação, vida e glória. Cristo é o primeiro de uma nova humanidade; Ele não é meramente o segundo, mas o último Adão, já que não pode haver necessidade de mais um Adão-imagem ou figura depois dele. Ele possui o próprio Fôlego que dá vida a seu povo (1Co 15.45).